

A escola enquanto espaço de construção do conhecimento

RAIMUNDO PAULINO DA SILVA*

Resumo

O presente texto busca fazer uma reflexão acerca da informação, conhecimento e aprendizagem escolar. Além disso, enfatizamos, do ponto de vista teórico, a escola e seu papel histórico de ensinar, o que a nosso ver, têm contribuído de modo eficaz para o sucesso daqueles que estão imbuídos no contexto da relação pedagógica. Defendemos ainda, na escola e na aula, práticas pedagógicas que direcionem o ensino pautado na produção de conhecimentos e não apenas em sua reprodução. Por fim, entendemos ser de extrema relevância o papel da escola quando procura-se atingir o seu objetivo que são as aprendizagens.

Palavras-chave: Escola; Conhecimento; Aprendizagem

Abstract

This text seeks to make a reflection about information knowledge and school learning. Furthermore, we emphasize, from the theoretical point of view, the school and its historic function of teaching, what in our opinion, have contributed effectively to the success of those who are imbued in the context of the pedagogical relationship. We stand still in school and classroom pedagogical practices that direct the education based on production of knowledge and not just in its reproduction. Finally, we believe it is extremely important the role of school when seeks achieve your goal that are learning.

Key words: School; Knowledge; Learning.



* **RAIMUNDO PAULINO DA SILVA** é doutorando em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra – Portugal.

Introdução

Vivemos, nestas últimas décadas, épocas de transformações e mudanças nos mais variados aspectos. As relações entre os humanos vêm tornando-se muito mais complexas e problemáticas, entre outras e dilui-se muito rapidamente, como diz o sociólogo contemporâneo Bauman (2007). E um dos pontos-chaves que deve-se ter em conta, para se compreender as questões que permeiam o contexto social atual, assenta-se no modo como nos comunicamos, nos manifestamos e como utilizamos os meios de comunicação, onde a linguagem, essencialmente, tem lugar neste mundo tão complexo em que estamos inseridos.

A vida humana não é um conceito ideológico, mas uma concepção política na qual encontramos a sedimentação de valores e normas que nossa vida social compreende como fundamentais. E o mundo social, repleto de múltiplas complexidades é construído por um conjunto de problemas criados pelo próprio homem, mediante as variadas e controversas relações sociais que o define, de entre elas, evidenciam-se as que se estabelecem no contexto escolar, as quais têm-se constituído nas mais variadas práticas pedagógicas por parte dos docentes, destacando-se três aspectos importantes: a informação, o conhecimento e aprendizagem. Nesse contexto, elegemos como objetivo do presente artigo, fazer uma análise a partir do que seja a escola do ponto de vista teórico e compreendê-la como um espaço de construção do conhecimento sistematizado, tendo como metodologia,



uma reflexão pedagógica, levando em conta a nossa experiência docente nas diversas etapas da educação básica.

A educação, portanto, constitui-se como a prática mais humana, considerando-se a profundidade e amplitude de sua influência na existência dos homens (Gadotti, 2010). Por essa razão, acrescenta este autor, a educação é mais vivenciada do que pensada. Nas afirmações de Boavida e Amado (2008), a educação é uma realidade complexa de práticas e processos, objectivos e subjectivos, mediante os quais o educando se transforma – a criança e o jovem em adulto, o adulto num ser completo e “melhor” – em ordem a um desenvolvimento que se pretenda integral. E este conjunto de elementos está inserido no contexto da educação escolar no qual a “escola” se configura como o espaço mais adequado para a produção do conhecimento sistematizado.

A escola: uma breve reflexão histórica e conceitual

E a escola, tal como a conhecemos hoje, é uma construção histórica recente. Na América Latina, os sistemas escolares constituíram-se praticamente no século passado (CANDAU, 2007). E esta escola, no dizer de Gouveia-Pereira (2008) é uma das instituições extrafamiliares, a que a sociedade tem confiado à tarefa de socializar as crianças e os jovens, no sentido da sua inserção no mundo social. Além da escola, ser um local de aprendizagem de diferentes saberes e de formas de socialização, é também um espaço de construção de normas e valores sociais

(VALE; COSTA, 1994 *apud* GOUVEIA-PEREIRA, 2008).

Nesse sentido, a escola configura-se como o espaço institucional e se constitui o palco das diversas interações, sobretudo entre os intervenientes, professores e alunos e na relação entre eles, na qual aparecerão a autoridade e o poder, num primeiro momento, representados na figura do professor. Nesse contexto, a escola permite o confronto diário com normas e regras de comportamento institucional, que vão para além das relações pessoais e informais (GOUVEIA-PEREIRA, 2008).

Gadotti (2007), por sua vez, argumenta que a escola é um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde falta tudo. Mesmo faltando tudo, nela existe o essencial: gente. Nessa mesma linha de investigação, a escola deveria ser o local apropriado para práticas democráticas, ou seja, um espaço em que todos os sujeitos envolvidos tivessem oportunidade de expressar suas ideias, refletir sobre elas e defendê-las. No entanto, ainda percebemos que muitas práticas pedagógicas não valorizam, suficientemente, as possíveis contribuições da escuta dos alunos para o aprimoramento do processo educacional (ROSADO, 2010).

E esta escola, por estar inserida neste universo social e os problemas que os atinge, tem sido alvo de vários estudos por se encontrar, no momento atual, fazendo parte de um fenômeno social tão polêmico/complexo que tem-se caracterizado como preocupante para todos nós educadores – o qual evidenciamos e como a influência que os meios tecnológicos e informacionais têm na vida dos discentes e também dos docentes.

As problemáticas atuais que envolvem a escola são, em grande medida, oriundas das transformações que a sociedade contemporânea vivencia; nesse sentido, estas transformações, refletem-se nas diversas interações que ocorrem no contexto da escola, sobretudo no espaço da sala de aula, e têm tornado cada vez mais complexa a natureza das relações que se estabelecem no cotidiano escolar.

No entanto, pensar a escola, no momento atual e especialmente no mundo Ocidental, requer de nós, educadores, uma reflexão sobre a sua importância e seu papel na sociedade em que vivemos. Uma sociedade marcada pelas suas múltiplas complexidades que a vivencia e dentre elas, destaca-se, a avalanche de informações que são despejadas através das tecnologias mais diversas e que as tornam viver-se numa sociedade da informação e do conhecimento. Boa parte das tais complexidades, produzidas no contexto da vida social, certamente, reflete e influencia no contexto escolar, uma vez que a escola não pode ficar a margem dos meios técnicos e informacionais decorrentes dos avanços da ciência.

Uma escola capaz de pensar criticamente o presente e de imaginar criativamente o futuro, contribuindo para a sua realização através do engajamento político em causas públicas e da ação educativa comprometida com o bem comum e o destino coletivo da humanidade, só pode ser uma escola deliberativa e autônoma, de sujeitos produtores de regras (LIMA, 2005, p. 28).

Noutro enfoque, Ferreira (2011, p. 28), afirma que a “escola tende a funcionar como um instrumento de um determinado poder político-cultural e é tanto mais eficaz quanto se conjuga com uma ampla dinâmica social e política”.

Nesse sentido, este autor questiona se a escola está mais presente do que nunca na formação dos cidadãos e o que devemos esperar dela, indaga o referido autor em seu artigo. Para ele, e trazendo um pouco para a nossa discussão em torno da informação e do conhecimento, a escola não é mais a única fonte de conhecimento de massa (FERREIRA, 2011).

Nessa perspectiva, pode se pensar vários factores ou conjunto de factores que se imbricam dentro do contexto social e neste está inserida a “escola” com a sua função de ensinar e também de ser um espaço de produção e difusão do conhecimento. Para Saraiva (2004, p. 142),

A escola, hoje, não é mais a principal detentora do saber. O papel do professor somente como transmissor do conhecimento não tem mais lugar nesse espaço. É mais importante indicar onde o aluno pode encontrar as informações de que necessita para a construção do seu saber e como poderá transformá-las em conhecimento do que ser um repassador dos conteúdos de sua área.

Noutra perspectiva, a escola pode ser vista enquanto espaço relacional e, por isso, uma organização onde vivem, convivem e trabalham professores, alunos e outros agentes em estreita ligação e interdependência com o meio exterior (AMADO, 2000). Por outro lado, o interesse que a investigação e, mais recentemente, a própria administração têm manifestado pela Escola enquanto organização, comunidade, sistema social e unidade de gestão, constitui uma das tendências mais sugestivas do estudo e desenvolvimento dos sistemas educativos, desde o início dos anos oitenta (BARROSO, 1996).

É ainda a escola o principal espaço e lugar onde a sociologia da educação, num eventual cruzamento com as pedagogias críticas, se confronta com as teorias da resistência e as teorias do inter/multiculturalismo, assumindo, também ela, uma linguagem da possibilidade inconformada com a denúncia e empenhada em construir alternativas concretas e inovadoras (AFONSO, 2005, p. 144).

Nessa perspectiva, é possível dizer que a escola tem a tarefa de aproveitar as experiências do sujeito diante da incansável aventura humana de desconstrução e reconstrução dos processos imanentes à realidade dos fatos cotidianos, buscando ampliar sua visão de mundo e almejando entender os diferentes pontos de vista e assim, procurar traçar orientações possíveis para a realização de um espaço escolar melhor (AQUINO, 1996, p. 52).

Ainda para este autor, “a escola precisa de imaginação, livros e sala de aula. Educação é relação professor-aluno e sala de aula” (AQUINO, 2002, p. 13). Nesta mesma obra o autor ainda diz que a “escola não é lugar de veiculação de informação. É o lugar da desconstrução delas, para que seja possível interpretar o que acontece ao nosso redor, antes dele e para além dele” (p. 38). Complementando, assegura este pesquisador: “na escola não ensinamos o que as coisas dizem, ensinamos o que elas querem dizer. Por isso, a escola é o lugar do bom e velho passado” (AQUINO, 2002, p. 163). Nesse sentido, observa-se que a escola é o único lugar em que podemos debruçar-nos sobre algumas ideias acerca do mundo e da vida segundo o pensamento do referido autor.

Um ponto que merece sublinhar quanto à função da escola e esta, conforme Aquino (2002, p. 71) tem como objetivo

escolar básico, pelo menos como o entende-se, é o de fomentar a curiosidade e a postura indagativa do aluno, por meio da reflexão e do questionamento constantes. Em suma, para este educador, a escola é o espaço não só de acolhimento das diferenças humanas e sociais encarnadas na diversidade de sua clientela, mas fundamentalmente o locus a partir do qual se engendram novas diferenças, se instauram novas demandas, se criam novas apreensões acerca do mundo já conhecido. Em outras palavras, escola é, por excelência, a instituição da alteridade e do estranhamento, marcas indelévels da medida de transformabilidade da condição humana (AQUINO, 2000).



A construção do conhecimento sistematizado no contexto da sala de aula

Concebendo-se o conceito de 'educação' como processo sociocultural de construção do conhecimento, como argumenta Possari (2004), o qual busca-se, em primeiro lugar, quando se fala do contexto escolar, não confundir os termos "informação" com "conhecimento". Podemos dizer, à partida, que uma das principais funções do docente é fazer com que as informações sejam transformadas em conhecimento. E para tal, o fazer pedagógico, não é tarefa tão simples, pois o alunado atual que frequenta os

bancos escolares, especialmente o da escola pública, tem muita dificuldade de se apropriar do conhecimento dado e, desse modo, não consegue organizar o seu próprio pensamento. É de se entender, talvez, que esta dificuldade não seja por culpa exclusivamente deles (os alunos), mas seja fruto de resultados de um processo educacional que lhes fora imposto de forma meramente vertical ou tradicional. Portanto, o que seria "tradicional" no contexto educacional? Uma educação voltada para a "decoreba", por exemplo, a utilização de questionários fechados onde o aluno memoriza as respostas só para aquele momento que é o da prova. Nesse modelo de ensino, o aluno acaba por acertar todas as questões, mas ao final do processo de avaliação, termina por não compreender absolutamente nada do que fez; ele apenas reproduziu o que foi percebido de forma mecânica e certamente não ocorreu aprendizagem. Neste aspecto, Paulo Freire (1987) denominou tal método (tradicional) de educação bancária no qual só o professor sabe e o aluno não sabe, entre outros.

No entanto, a construção do conhecimento não pode ocorrer se utilizando apenas de práticas educativas tradicionais, conforme citada, em nossas salas de aula. A construção do conhecimento no tocante à relação professor-aluno se dá na sala de aula e, sobretudo nos diálogos entre ambos. Segundo Morales (2004), a relação professor-aluno abrange todas as dimensões do processo de ensino-aprendizagem que se desenvolve na sala de aula.

Nesse sentido, entende-se que a produção do conhecimento se torne o principal objetivo da aprendizagem escolar cujo lugar mais adequado para isso seja o da sala de aula.

Conhecimento aqui defendido como apropriação de um saber específico e produzido essencialmente no contexto escolar. Outro educador faz uma crítica ao termo transmissibilidade quando diz que “um certo saber teórico-prático assim como de sua transmissibilidade – é preferível dizer recriação” (AQUINO, 2000, p. 30).

Esta passagem significa uma crítica à transmissão-assimilação dos conteúdos e o conhecimento, mais uma vez, em nosso prisma está voltado para a produção do conhecimento e não para a transmissão de conteúdos, simplesmente. Este mesmo autor ainda diz que o objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo, consiste na recriação deste.

Não obstante, tal argumentação focar, em sua essência, nos elementos que se constituem a “comunicação” e sua relação com a “educação”, priorizamos estes constructos de modo a contemplarmos a proposta que adotamos, ou seja, a defesa de uma prática docente na qual haja a construção do conhecimento sistematizado. A conclusão que chegamos, reside no facto de compreender que, no âmbito da sala de aula, deva se procurar estratégias de ensino que busquem a reapropriação do conhecimento, através da relação dialógica e não de métodos meramente tradicionais onde se predomina a reprodução de saberes, a conhecida “decoreba”. Assim, esperamos ter contribuído de alguma forma, para que de facto a construção do conhecimento ocorra em nossas salas de aula e a seguir, esta prática ainda tão distante, seja mais eficazmente adotada pelos professores, especialmente os da educação básica.

Portanto, o que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamentos/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. Consequentemente, a difusão da tecnologia amplia seu poder de forma infinita, à medida que usuários apropriam-se dela e a redefinem. As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores se tornam a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia, como no caso da rede mundial de computadores, internet.

Castells (2004, p. 237) afirma que “a internet é um novo meio de comunicação e todas as áreas da atividade humana estão a ser modificadas pela penetrabilidade de seu uso”. A difusão dessa nova forma de comunicação mediada por computadores se tornou muito rápida a partir dos anos 1990 até os dias atuais “assim abrindo, o caminho para a avaliação de seus impactos sociais”.

Esse novo momento da comunicação e informação que as sociedades vivenciam, por meio de vários recursos tecnológicos, tais como a televisão, o telefone, o celular e, principalmente, o computador vem alterando significativamente a forma de viver, aprender e intervir na atualidade. Nessa mesma linha de pensamento, uma das investigadoras nessa área, diz-nos que a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e a Internet, entre outros meios de comunicação, para além de conviverem,



interagem hoje de uma forma simultaneamente extraordinária, intimidante, por vezes quase irreal e, para alguns (porque menos familiarizados com os novos *media*), até desanimadora (MATOS, 2006).

Segundo Castells (2004, p. 317), “a galáxia internet é um novo ambiente de comunicação, porque constitui a essência da atividade humana e todas as áreas da atividade humana estão a ser modificadas pela penetrabilidade dos usos da internet”. É importante ressaltar que, ao referimos as novas tecnologias, não estamos a falar só das tecnologias de última geração, como os computadores mais modernos, para ficar só neste exemplo e, por essa razão, é preciso se entender todas as transformações que a sociedade contemporânea esta a passar nestes últimos anos e isso tem implicações, além dos contextos, histórico, social, econômico, político e cultural, repercute também no contexto da educação e em especial, na escola e na sala de aula.

Conclusão

Discutir a temática da escola enquanto espaço social de produção do conhecimento e de aprendizagem nos dias atuais requer alguns conhecimentos e fundamentos epistemológicos da educação e suas problemáticas. Diante disso, procuramos fazer uma reflexão a partir da escola enquanto espaço de produção do conhecimento e de aprendizagem, entendendo ser de suma importância pensar as relações/interações neste tão problemático espaço que conhecemos, enquanto ser humano, cidadão, docente ou discente, que é a escola.

Todavia, acreditamos que a temática em causa, tenha-nos permitido contribuir de alguma forma, para se repensar uma prática docente mais adequada ao novo

contexto educacional, sobretudo a partir das novas tecnologias, observando as limitações e potencialidades de se trabalhar com uma concepção estruturada num pensamento de romper com as práticas educativas ‘tradicionais’, procurando desenvolver novas formas de lecionar, de modo que, procure fazer com que os alunos pensem, reflitam e produzam conhecimento.

E nesta perspectiva, um professor que procura tentar implementar um tipo de prática docente um pouco diferenciada, ou seja, daquelas ditas como “bancárias” no dizer de Paulo Freire, encontra muita resistência por parte do alunado, uma vez que este já incorporou um tipo de aula considerada tradicional na qual já faz parte do cotidiano do ensino e de aprendizagem, o que ainda é praticado por boa parte dos nossos pares; dessa forma, acaba-se por reproduzir o conhecimento em vez de, a partir do já produzido, professores e alunos, numa relação pedagógica mais humanizada, construir novos conhecimentos.

Contudo, gostaríamos de dizer que uma prática pedagógica em escola, em especial a pública baseada numa concepção que implique em uma aprendizagem de qualidade, na qual haja apropriação de saberes e que vise o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos ainda é possível, mesmo encontrando resistências por parte dos educandos que têm incorporadas na sua cultura um ensino totalmente tradicional, ou seja, que não busque uma produção do conhecimento sistematizado.

Por um lado, pode-se dizer que a utilização das tecnologias no meio educacional tem revolucionado de alguma forma a forma de pensar dos docentes, uma vez que tem exigido

destes, sobretudo algumas transformações, seja no modo de pensar as estratégias para o “fazer docente”, seja para se apropriar das novas tecnologias, o que pode garantir uma melhor formação e, conseqüentemente, propiciar aprendizagens de qualidade.

Por outro lado, em meio a tantas informações que advêm das tecnologias da informação e de comunicação, deve-se ter o cuidado, enquanto docente, para não acreditar que informação é conhecimento. Acreditamos, portanto, que o papel destas tecnologias seja de suma importância para a sociedade actual e também para a educação escolar, sobretudo, porém, quando o grande papel do professor seja o de fazer com que tais informações possam ser transformadas em conhecimento, junto ao corpo discente. Sabemos também que não seja tarefa tão fácil para o professor, pois se fazer com que o aluno pense, é algo que requer a uma boa formação tanto em termos pedagógicos como saber fazer uso das novas tecnologias da informação e comunicação.

Em síntese, acreditamos que todo esse conjunto de orientações apresentado para se compreender a problemática actual, nomeadamente a da escola, espaço onde deve buscar-se as aprendizagens, o impacto das TICs tem tido lugar, perpassa as relações sociais e mais ainda pela relação pedagógica, algo que está além da relação professor-aluno. É nessa relação, na qual focamos nosso olhar, uma vez que buscamos compreender os aspectos e elementos que a constitui, dentre eles a busca pelo conhecimento e mais especificamente, o grande papel do professor, hoje, que é, a nosso ver, criar estratégias e ambientes de aprendizagem, em especial, fazer que com as informações sejam transformada em conhecimento. Portanto, mesmo

considerando tais aspectos, é importante ressaltar que o grande papel da escola ainda seja o de ensinar e objectivar a aprendizagem ou as aprendizagens e também que a escola não seja apenas um espaço de troca de informações e sim, da produção do conhecimento. É nesse sentido que reside o impacto das TICs, através dos *media* de um modo geral, na educação, na escola e na sala de aula e porque não dizer, no contexto da relação pedagógica.

Referências

AFONSO, A. J. A Sociologia da Educação em Portugal. Elementos para a configuração do “estado da arte”. In: TEODORO, A.; TORRES, C. A. (Orgs.). **Educação Crítica e Utopia: Perspectivas para o século XXI.** (Porto: Afrontamento, 2005. p. 129-158.

AQUINO, J. G. **Confrontos na sala de aula:** uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Do cotidiano Escolar:** ensaios sobre a ética e seus avessos. 2. ed. São Paulo: Summus, 2000.

_____. **Diálogo com educadores:** o cotidiano escolar interrogado. São Paulo: Moderna, 2002.

AMADO, J. **A construção da disciplina na escola:** suportes teórico-práticos. Lisboa: Edições ASA, 2000.

BARROSO, J. **O estudo da escola.** Porto: Porto Editora, 1996.

BAUMAN, Z. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOAVIDA, J.; AMADO, J. **Ciências da Educação – Epistemologia, Identidade e Perspectivas.** 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

CANDAUI, V. M. Interculturalidade e educação escolar. In: CANDAUI, M. V. (org.). **Reinventar a escola.** 5.ed. . Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 47-60.

CASTELLS, M. **A galáxia Internet – reflexões sobre internet, negócios e sociedades.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

FERREIRA, A. G. A Europa e a herança cultural da escola. **Revista Educação e Questão**, vol. 40, n. 26, p. 10-30, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro; 28. ed. Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

_____. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed.. São Paulo: Ática, 2010.

GOUVEIA-PEREIRA, M. **Percepções de justiça na adolescência**: a escola e a legitimação das autoridades institucionais. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

LIMA, L. C. Escolarização para uma educação crítica: a reinvenção das escolas como organizações democráticas. In. TEODORO, A. ; TORRES, C. A. (Orgs.). **Educação Crítica e Utopia**: Perspectivas para o século XXI. Porto: Afrontamento, 2005. p. 19-32.

MATOS, A. **Televisão e violência: para novas formas de olhar**. Coimbra: Almedina, 2006.

MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

ROSADO, C. T. C. L. **Educação escolar para crianças – o que dizem sujeitos deste direito?** 2010. 197f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

POSSARI, L. H. V. **Fundamentos e métodos da comunicação**. Curitiba; IBPEX, 2004.

SARAIVA, I. S.. Aprendendo com alunos: uma experiência dialógica no curso de pedagogia anos iniciais. In. MUHL, E. H.; ESQUINSANI, V. A. (Orgs.). **O diálogo ressignificando o cotidiano escolar**. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2004. p. 124-152.